

**ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM.  
CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERSPECTIVA DE VIVÊNCIA E DE MOVIMENTO**

LANDSCAPE ARCHAEOLOGY. CONSIDERATIONS ABOUT THE PERSPECTIVE OF  
EXPERIENCE AND MOVEMENT

Milena Acha

Como citar este artigo:

ACHA, Milena. Arqueologia da Paisagem. Considerações sobre a perspectiva de vivência e de movimento. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.35, p. 217-235, Jan-Jun. 2021.

Recebido em: 21/01/2021

Aprovado em: 11/05/2021

Publicado em: 25/06/2021

ISSN 2316 8412

**Arqueologia da Paisagem.**  
**Considerações sobre a perspectiva de vivência e de movimento**

**Landscape Archaeology.**  
**Considerations about the perspective of experience and movement**

Milena Acha<sup>a</sup>

**Resumo:**

A arqueologia da paisagem é um tema que tem sido intensamente estudado nas últimas décadas, considerando diversas perspectivas, inclusive focando na noção própria dos grupos sobre o que é paisagem e como reconhecem os seus elementos. Diante disto, neste artigo busco contribuir para esta discussão apresentando o caso de um grupo de pastores dos vales andinos, os quais apreendem a paisagem a partir da sua própria vivência pautada nos caminhos, trajetos e lugares interconectados a partir da noção de movimento.

**Abstract:**

In the last decades, the archaeology of landscape has become a main theme intensely studied. It considers several perspectives, including people's knowledge and their perception about the landscape and its elements. In that way, this article seeks to contribute to the discussion about landscape, showing the case of pastoralists of the Andean valleys. The landscape for these people is internalized from their own dwelling based on paths, routes, and places, all connected with the notion of movement.

**Palavras-Chave:**

Arqueologia da paisagem; Lugar; Movimento; Pastores andinos.

**Keywords:**

Landscape archaeology; Place; Movement; Andean pastoralists.

<sup>a</sup> Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia, USP. Bolsista CAPES

## **1. INTRODUÇÃO**

Ao analisar as paisagens na arqueologia muitas vezes observa-se uma perspectiva pautada pelo estático e condicionada à noção de sítio. Por sua vez, crescentes estudos vêm apontando para a importância de considerar as paisagens pela sua fluidez e dinamismo, inclusive levando em conta as diferentes noções do que é enquadrado e percebido como espaço pelos diferentes grupos (ver SNEAD, *et al.* 2009).

O conceito de espaço surge com força a partir das abordagens processuais dos anos 1960, considerando os diferentes níveis nas relações espaciais e entre os elementos. A crítica ao determinismo feita pela arqueologia pós-processual traz para os estudos da espacialidade questões de suma importância para entender como essa noção de espaço é construída (GONZÁLEZ RUIBAL e AYÁN VILA, 2018).

Diante disso, o conceito de paisagem sofre influência de várias áreas, permitindo realocar a discussão sobre a relação entre a cultura e a natureza, e como isto pode ser regido por questões culturais. Assim, esses estudos começam a considerar a paisagem a partir das diversas maneiras que as pessoas têm de dar significado e caracterizações aos espaços. Sendo que se considera a ação das pessoas como transformadora desse mesmo espaço, tanto aos olhos do observador como nas marcas materializadas nas paisagens (GONZÁLEZ RUIBAL e AYÁN VILA, 2018).

Considera-se que é a partir do processo de habitar que as pessoas incorporam as paisagens e as transformam. Permitindo que os diversos grupos criem as suas maneiras de pautar e classificar aquilo que está diante dos olhos, esse processo gera caracterizações e percepções, tais como o movimento e os lugares. Nesta perspectiva, é possível considerar o movimento como uma característica determinante das paisagens, a partir da apreensão dos lugares pela vivência do cotidiano das pessoas, ordenando muito mais que linhas sobre um mapa (INGOLD, 2011; ACHA 2018a).

Considerando essa perspectiva de uma paisagem pautada pela fluidez, o caso dos pastores no vale de Santa María contribui para ilustrar a discussão. Os movimentos pastoris consistem em um processo de mover-se por caminhos e lugares que geram ordens espaciais e aproximações ao meio. A vivência para eles se pauta no caminhar e na percepção da paisagem como algo dinâmico.

## **2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS**

O vale de Santa María está localizado na província de Catamarca, na porção andina do Noroeste Argentino, como mostra o mapa na Figura 1. Integrando o conjunto de vales áridos de altura dos chamados Vales Calchaquíes, o vale de Santa María é caracterizado pelo relevo montanhoso formando vales alongados entrecortados pelo rio homônimo. O trabalho se centra no grupo de pastores tradicionais que habitam a serra do Cajón. Estes pastores, não se distinguem como grupo étnico, definem-se como grupo a partir de relações parentais e espaciais, podem ser considerados uma comunidade tradicional com vínculo a partir da atividade do pastoreio.



Figura 1. Mapa da região que inclui o vale de Santa Maria, ressaltando a área de pesquisa.

O fato de serem pastores tradicionais remete ao uso de pastagens não preparadas para o pastoreio, que exige um grau de mobilidade em determinados períodos do ciclo anual em busca de pastagens férteis e recursos hídricos. Os pastores habitam desde a proximidade do centro urbano da cidade de Santa María até locais no interior da serra, organizam-se a partir da noção de propriedade privada no estilo rural, onde cada família apresenta a sua própria casa podendo apresentar outras áreas de permanência associadas (residência fixa, casa de campo e postos temporários). No que concerne à organização do espaço, os pastores respeitam o acesso às pastagens e recursos hídricos de maneira integrada, permitindo o acesso por dentro das propriedades (ACHA, 2018a).

Os rebanhos são constituídos preferencialmente por cabras (as lhamas foram substituídas por estes ungulados há alguns anos). Ordenam a sua atividade a partir de uma lógica de produção agro-pastoril com traços de transumância, produzindo e consumindo produtos primários e secundários do pastoreio e integrados aos mercados de troca regional. O ciclo anual de mobilidade destes pastores está dividido de acordo com a oferta de pastagens e recursos hídricos, que permanecem próximos aos vales nos períodos de verão quando os rios se tornam mais caudalosos por causa do degelo dos altos picos e da maior incidência de chuvas. Conforme avança a temporada de inverno os pastores começam a se movimentar para o interior das serras em buscas das pastagens de altura resistentes ao frio e à aridez (ACHA, 2018a).

As análises presentes nestes trabalhos são referentes aos dados obtidos em diversas temporadas de campos entre os anos de 2004 e 2015. Como forma de coleta de dados, deu-se ênfase ao uso da etnoarqueologia a fim de evidenciar as estruturas deste sistema pastoril e buscar pelas referências materiais propostas na análise da paisagem e da relação das pessoas com o meio à volta.

A etnoarqueologia é uma estratégia de pesquisa centrada no estudo dos desdobramentos materiais do comportamento humano, tendo como foco as populações contemporâneas. Este tipo de abordagem exige um diálogo efetivo entre arqueólogos e as pessoas com quem se está trabalhando, tomando como base para a coleta e análise de dados a etnografia, metodologia que visa reconhecer a linguagem performática (indexicalidade e reflexividade) dos sujeitos ativos as ordens sociais naturalizadas (GUBER, 2011; GONZÁLEZ RUIBAL, 2003; POLITIS, 2015; SILVA, 2002, 2009).

Em casos como o abordado neste artigo, o uso de uma abordagem etnoarqueológica é fundamental para problematizar as diferentes perspectivas sobre a paisagem, pois permite ao pesquisador extrapolar as questões do objeto como coisa e acessar o contexto e os significados variados da materialidade. Assim, ao longo deste trabalho as referências à paisagem dão preferência a relativizar as categorias desde a perspectiva nativa, considerando a agência dos sujeitos como seres ativos dentro do seu próprio sistema.

Como unidades de análise, trabalhou-se com os pastores e os seus núcleos domésticos. Buscou-se trabalhar com os núcleos familiares, família estendida e suas redes de relações, com a proposta de acessar as ações atuais e as memórias dos pastores. Para a coleta de dados, ao longo de todo o projeto que deu origem aos dados apresentados neste artigo, fez-se uso da observação participante orientada arqueologicamente e de entrevistas orientadas. Dando uma especial atenção à materialidade, buscou-se evidenciar a relação que constituem o sistema pastoril, como a mobilidade, identidade, registro arqueológico e a constituição da paisagem.

Assim, tendo os pastores em posição de executores e produtores da sua realidade social, foi possível fazer um levantamento de uma série de proposições sobre o que é paisagem e os seus significados. Com isto em foco, acompanhou-se as pessoas em suas atividades cotidianas, para compreender a lógica das ações e dos lugares que estas aconteceram. Dentro desta gama de atividades diversificadas foi possível identificar os usos do espaço (divisão de atividades e divisão do espaço), ocupação e territorialidade, definição do espaço e dos lugares, obtenção de matéria prima e alguns processos de produção e reconstrução dos registros materiais. Também foram acompanhadas atividades extraordinárias, como os passeios e atividades específicas de coleta.

As atividades levadas a cabo durante as temporadas de campo seguiram duas lógicas: atividades cotidianas acompanhadas dos interlocutores e atividades orientadas arqueologicamente. Como atividades orientadas, buscou-se cobrir outro tipo de informação de maneira complementar, visando compreender a dinâmica do uso e percepção do espaço, os mesmos lugares foram visitados em várias horas diferentes do dia, buscou-se reconhecer os lugares que eram significativos tanto nos discursos como em perguntas direcionadas, e os caminhos foram percorridos (previamente

ou novamente) sem a presença dos interlocutores para atestar tanto a possibilidade de seguir as designações de rotas e trajetos, como a identificação dos elementos distintivos.

Os dados empíricos foram tratados visando discutir as categorias das ciências arqueológicas. Assim, na etapa de análise e construção escrita, os relatos orais, situações e eventos observados foram organizados seguindo os eixos de análise (e não ordens cronológicas), de maneira a permitir identificar na lógica do campo os conceitos e os pressupostos que estão sendo discutidos e questionar categorias desde outras óticas.

### **3. DEFININDO PAISAGEM**

Na Arqueologia o termo *paisagem* já é um conceito. A palavra incorpora uma trajetória teórica e metodológica de várias décadas, que integram os estudos da arqueologia espacial processual às questões mais fenomenológicas levantadas nas últimas décadas (GONZÁLEZ RUIBAL e AYÁN VILA, 2018). Nesta perspectiva, nas definições da ‘Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura’ (UNESCO), a paisagem é associativa e projetada. Assim, define-se paisagem como o oposto à terra abandonada, pois exige que se mantenha a ação social em constante progresso e resistência no mundo contemporâneo, sendo o material a prova dessa progressão histórica. Portanto, paisagem tem a ver com lugar, o qual é influenciado, transformado e influencia a ação humana, tanto a partir do presente como desde o passado. Como é apreendida pela ação humana, pode-se considerar que elementos materiais e não materiais estão integrados na constituição da paisagem (QUESADA-EMBED, 2008).

Apesar dos diversos conceitos, a paisagem sempre é considerada a partir de um valor representacional em relação aos conteúdos que a integram. Por ser representativa, não há como se falar de paisagem sem retratar a intervenção humana, pois é a partir da ação humana que se cria, representa e se reproduz a paisagem a partir dos componentes integrados – humanos, extra-humanos e ambientais – os quais são também rearranjados e reinterpretados de acordo com as intenções e os múltiplos significados (BOTIN, 2013). Neste sentido, a paisagem é sempre caracterizada pelas diferentes escalas culturais, pode ser adjetivada e entendida de diversas maneiras, refletindo as necessidades e intenções dos grupos (ACHA, 2018a).

As definições da paisagem implicam uma perspectiva ambiental e uma perspectiva sociocultural, que obrigatoriamente caminham juntas. Focar no impacto humano e nas interações entre humanos e o meio que os rodeia permite enfatizar questões ambientais sem negligenciar as formas culturais de construção do espaço e seus significados. Em todo o seu processo de desenvolvimento como categoria de análise, os estudos sobre a paisagem apresentam uma preocupação pós-moderna com a representação e a construção simbólica e ideológica, que têm levado a repensar a paisagem como algo adaptativo e a incluir fatores sociais em sua análise. Esta mudança de perspectiva promoveu grandes alterações que influenciaram o modo de se entender a própria paisagem e a relação da arqueologia com as comunidades (DAVID e THOMAS, 2008).

Desta forma, a paisagem não pode ser vista como neutra, é ideologicamente construída e

está em constante mudança. Nesse processo de construção social, a apreensão da paisagem implica em uma relação identitária com o meio. Assim, meio e humanos são integrados e a paisagem passa a ser um elemento ativo na dinâmica da vida (HIRSCH, 1995; FELD e BASSO, 1996).

Esta perspectiva refere-se ao espaço como lugares humanos em toda a sua existência e fenomenologia, onde se identifica a história e a historicidade das diversas identidades que ali sobrevivem. Assim, considera-se o *lugar* como meio e fruto de interações dos diversos processos sociais ali envolvidos, considerando-se a própria história e modo de vida daqueles que habitam esses lugares. Portanto, é fundamental buscar noções e perspectivas das comunidades tradicionais e suas relações com a cultura material do local, levantando as configurações simbólicas e ambientais implicadas. Desta forma, os sítios podem ser encarados como referentes culturais e locais ancestrais (DAVID e THOMAS, 2008).

A paisagem pode ser compreendida como aquilo que se vê e o que os grupos reconhecem por meio das práticas cotidianas. Diante disto, é fundamental romper com os conceitos que caracterizam a paisagem como estática e imutável e buscar compreender a paisagem pelo seu todo, considerando a sua fluidez, a mobilidade e os movimentos, tanto para o que se refere à noção de espaço como a de lugar dentro dos conceitos e interpretações de cada grupo (FELD e BASSO, 1996).

### **3.1. Sobre os conceitos de espaço e lugar**

Tendo definido paisagem, é fundamental elencar a partir de quais perspectivas faz-se a análise espacial deste artigo, uma vez que existem diferentes nomenclaturas e definições específicas daquilo que os autores consideram lugar e espaço. Assim, integrado à noção de paisagem, reconhece-se a noção de 'espaço'. O termo espaço recebe diversas definições de acordo ao seu uso, e vem associado a diferentes noções de escalas, que podem se referir desde a uma rua, cômodo, casa, ou mesmo porção do globo terrestre (HAESBAERT, 2002).

Nas últimas décadas, com a expansão de marcos teóricos mais interpretativos, o espaço começa a ser visto desde uma ótica focada na diversidade cultural, da qual emergiu uma perspectiva de espaço que considera as experiências vividas e os contextos socioeconômicos específicos. Esta perspectiva de uma geografia mais fenomenológica é pautada pela subjetividade, pela experiência e por percepções e sensações. Deste modo, aceita-se que toda espacialidade é carregada de simbolismo, sendo o espaço compreendido a partir dos sentimentos espaciais e das experiências dos grupos sobre um determinado espaço (HAESBAERT, 2002).

Tomar o conceito de espaço como aspecto simbólico permite alcançar a versatilidade do mesmo, considerando vários tipos de espaços: espaços pessoais, espaços de grupo, espaços onde é vivida a experiência do outro, espaços míticoconceituais. O espaço, portanto, é compreendido como a experiência contínua do ser e do social, fluido e dentro do campo das representações simbólicas. Considera-se que um mesmo espaço pode revelar diferentes significações de acordo com a apropriação dos signos, sendo que, a espacialidade apresenta uma dimensão concreta e uma dimensão simbólica em diferentes intensidades, pois os símbolos não se impõem apenas como uma



necessidade natural, eles mantêm uma referência ao real, ainda quando são pautados na ordem sociocultural (CORRÊA e ROSENDAHL, 2008).

Desta forma, o espaço é multidimensional, expressando as diferentes facetas de um mesmo fenômeno, é um tecido de redes complexas de apropriações e significados que funcionam de maneira dinâmica. Estas diferentes facetas do espaço corresponderiam à materialização das diversas leituras que estão sendo produzidas pelos grupos. Assim, a problemática espacial considera as derivações da totalidade, tendo o espaço integrado de vários lugares, sendo que cada lugar parte do todo para se tornar específico. Contudo, essa totalidade não é percebida explicitamente, ela existe a partir da identidade própria dos lugares e da maneira como cada um que o apreende (HAESBAERT, 2002).

Aliada a esta perspectiva multidimensional, a conceptualização de espaço na perspectiva antropológica considera a multiplicidades das vozes locais, centrando-se nas identidades sociais, no senso de pertencimento a um determinado lugar e tendo em vista as relações locais e extra locais. Assim, áreas geográficas são representações construídas; os territórios, as fronteiras e a própria definição dos espaços são sempre contextuais, porosos e fluídos (FELD e BASSO, 1996).

Os diversos significados dados pelos humanos ao meio à volta se integram a partir do que se chama de *senso do lugar*<sup>1</sup>. Esta perspectiva toma a ideia do habitar como *dwelling*<sup>2</sup> considerando as múltiplas inter-relações vividas entre pessoas e lugares. Desta forma, o espaço passa a existir e ter significado a partir das noções impressas pelas pessoas (não é algo do próprio espaço) (INGOLD, 1993).

Os lugares são a forma como as pessoas incorporam na paisagem sensações, sentimentos, conhecimento e cultura, tornando a paisagem algo experienciável e parte do *habitus*. As pessoas, no fluxo cotidiano, acessam os lugares promovendo uma relação vívida com o espaço geográfico, assim é internalizado, significado e integrado às próprias pessoas. A paisagem é uma simbolização do meio que permite ser apreendido e reconhecido como próprio. Esse processo gera um senso de identidade, a experiência dos lugares é recíproca e dinâmica, a qual cria um processo de internalização da paisagem, e relaciona diretamente o espaço à familiaridade das experiências e dos significados atribuídos. Este fenômeno indica a maneira como as pessoas interagem, representando a constante performática que reproduz e expressa o senso de lugar como próprio. Desta forma, quando se olha para uma paisagem é possível acessar as diversas transformações feitas sobre o palimpsesto dos diversos eventos que acontecem nos lugares (BASSO, 1996; GOW, 1995).

Os lugares são formas abstratas de representação, que se estabelecem através dos movimentos e das atividades cotidianas das pessoas. Assim, a paisagem se ordena no movimento cotidiano que dá sentido e a conceitualiza, a partir de uma série de características e informações subjetivas. Os corpos vivos em movimento são essenciais para o processo de constituição dos

<sup>1</sup> Tradução do inglês de “sense of place” (ver FELD e BASSO, 1996).

<sup>2</sup> *Dwelling*, pode ser traduzido como espaço habitado. Na arqueologia e na antropologia a ideia de “*dwelling perspective*” (perspectiva de vivência/habitar/viver) é uma revisitação do termo apresentado por Heidegger (1971), utilizado para definir o que se considera como ‘o existir no mundo’. Neste artigo, tomamos a perspectiva de *dwelling* apresentada por Ingold (1993), que busca uma aproximação entre a pessoa e a paisagem. Desta forma, Ingold (1993) considera que impresso na paisagem está a maneira de habitar, sendo que esses padrões de atividades, memórias e vivências marcam a temporalidade.



lugares. Parte do que constitui um lugar provém da motivação e do dinamismo. A relação entre estes dois conceitos é considerada em várias escalas: estar no lugar, mover-se pelo lugar, mover-se entre lugares (ERICKSON e WALKER, 2009; BASSO, 1996; BOTIN, 2013).

Desta forma, os lugares representam mais que posições fixas, representam conexões. Nessa reação, os lugares também são repositórios de experiências, histórias, diversos traços culturais e até pensamentos e noções ideológicas, pois as características físicas de cada lugar associam-se a memórias, expectativas, projeções e reproduções, condicionando todo um arcabouço que faz sentido para aqueles que o identificam como tal (CASEY, 1996; INGOLD, 2012).

Ao considerar as paisagens do movimento, espaço e lugar são representados por ordens dinâmicas, como trajetos, caminhos e locais que implicam na vasta rede fluida do cotidiano das pessoas. Portanto, ao se falar de lugar, considera-se que implica no movimento, pois a vida é vivida e conhecida entre lugares (INGOLD, 2012).

### **3.2. Sobre a vivência e o movimento**

O movimento para os pastores de Santa María é pautado pela necessidade de acesso a pastagens e recursos hídricos para os rebanhos. Estes movimentos têm direções e destinos diferentes de acordo à época do ano e ao local de moradia de cada pastor, sendo definidos como movimentos de curtas, médias e longas distâncias.

As variáveis do ciclo anual de mobilidade pastoril ordenam a rede de caminhos e trajetos que cada pastor conhece, e que são passadas geracionalmente. O processo de movimento integra toda a vida, este não é um movimento de uma ida ou volta, mas é uma forma de viver e, conseqüentemente, abstrair o espaço e o tempo nesses vários lugares pelos quais se transita/habita. O ato de movimentar-se por uma paisagem não é apenas um meio de mover-se, também é um ato sociológico, pois a forma como os grupos acessam a informação sobre caminhos e trajetos não é universal, é perceptiva e sociocultural, respondendo a um contexto específico de símbolos que são identificados e naturalizados (INGOLD, 2011).

Dentre os distintos movimentos dos pastores, todo o percurso é marcado por lugares que são significativos e integram a história de vida tanto do pastoreio como do próprio pastor. Os caminhos se estendem e se conectam, fazendo com que o começo e o final sejam representados pelos destinos escolhidos pelas pessoas, criando uma intensa rede vital de toda a paisagem em movimento.

Assim, um trajeto até uma campina no alto da serra também pode dar indicações de locais de moradia (atuais e passados), locais de recursos específicos (pastagens, diferentes recursos hídricos, áreas de roças, currais, bancos de argila etc.) e, inclusive, conexão com outros caminhos utilizados em outros momentos. Cada uma dessas definições é vista como *lugares* e são representações importantes para o pastor, relacionando o habitar com a história pessoal e do lugar. O traçado do caminho não necessariamente é linear, ele vai seguindo os lugares que o pastor considera importantes, os quais integram os indicadores de caminhos (ACHA, 2018a).

Para estes pastores, caminhos e trilhas são entendidos como um fluxo. As paisagens são

pautadas pelo movimento através dessa intensa rede de caminhos. Ainda que a escolha do trajeto seja particular a cada pastor, é possível acessar as informações gerais sobre a classificação dos caminhos e dos lugares de referência espacial. Desta forma, as paisagens do movimento podem ser categorizadas a partir de dois conceitos: a) o caminho, referente às propriedades físicas e culturais; b) as rotas, referente à direção, ao modo de se movimentar e à distância do movimento.

Os caminhos são de extrema importância na vida pastoril, pois representam lugares e movimento. Esses caminhos podem ser definidos por vários atributos: de acordo ao seu estado e características, de acordo ao grau de dificuldade no percurso, à presença ou ausência de vegetação e à largura do espaço para se transitar. Assim, os pastores usam designações diferentes para diferenciá-los e identificá-los. Entre elas, estão o que chamam de “caminho lindo” (Figura 2), para aqueles caminhos que apresentam estrada e calçamento, fazendo com que sejam fáceis de transitar por carros, cavalos, bicicletas, pessoas etc.

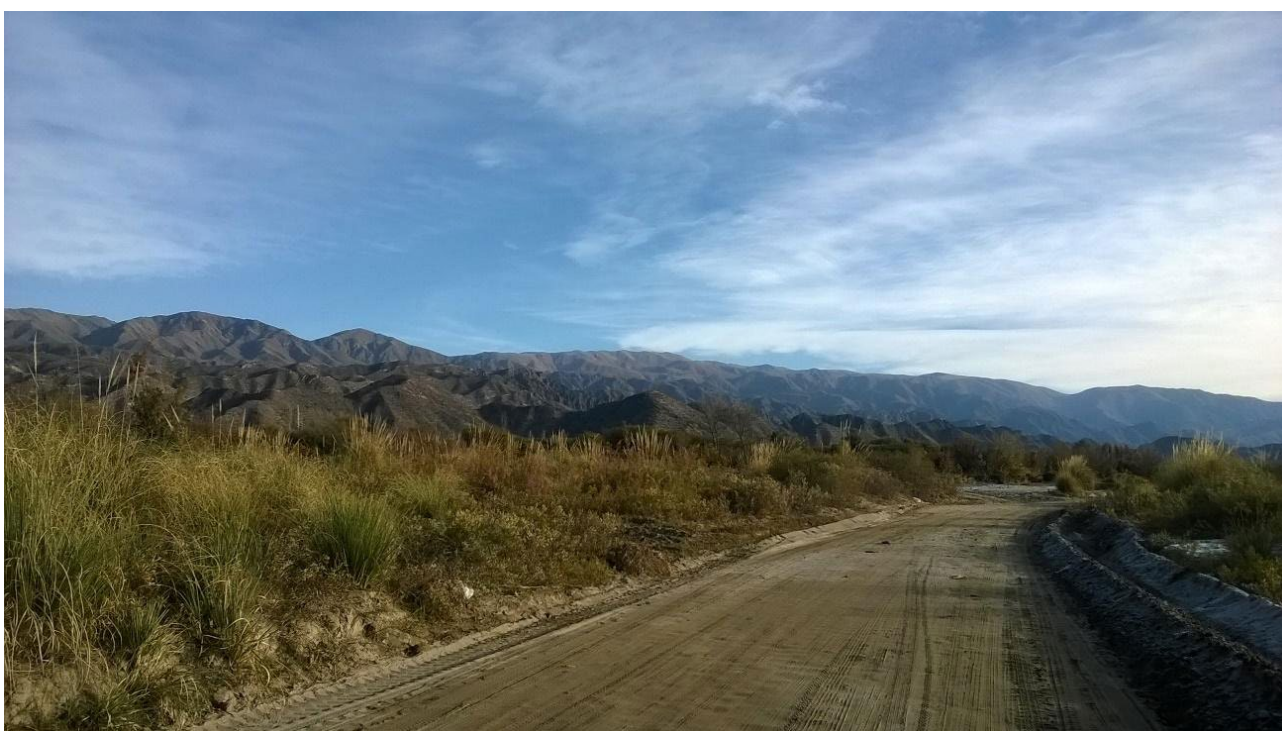


Figura 2. Referência de caminho aberto. Foto: Milena Acha (2015).

Já, quando o caminho é mais estreito com a presença de vegetação, ainda quando seja fácil de transitar, deixa de ser designado como *caminho lindo*. No interior das serras, estão os caminhos com maior dificuldade, alguns são constituídos por pedras acomodadas no solo em forma de calçada, ou delineando as bordas da serra, ou ainda podem estar posicionadas formando uma espécie de degraus para facilitar a subida, algumas dessas variedades de caminhos estão representadas na Figura 3.





Figura 3. Variedade de caminhos nas serras, sendo 1. Caminho de cabra, 2. Caminho demarcado com rochas, 3. Caminho aberto. Fotos: Milena Acha (2013, 2015).

As serras são espaços entrecortados por diversos caminhos, existem aqueles que conectam um pequeno vale a outro, os que permitem longos trajetos (geralmente por cima das serras), os passos entre grandes vales. Esses são todos caminhos criados pelos humanos e os seus animais, que permitem o percurso dos dois elementos, porém também existem os *caminhos dos animais* que no geral não são apropriados para humanos. Outra definição, é o que chamam de *caminho da água*, indicando os caminhos que se formam com a passagem da água ou aqueles sulcos que a água faz no solo da serra. Os caminhos de água são apenas indicadores, porque não são transitáveis, diferenciam-se do *caminho do rio* que quando está seco pode ser transitável.

Assim, tão importante como conhecer o caminho que se irá transitar é conhecer os seus elementos. Os indicadores de caminhos são vários, inclusive o próprio caminho é utilizado como marcador (indicando que se deve segui-lo, avistá-lo ou cruzá-lo). Também são marcadores de caminhos elementos como: currais, porteiras, cercados, formações rochosas ou fisiográficas do terreno, construções, casas ou propriedades de pessoas etc. (ver Figura 4).





Figura 4. Variedade de marcadores de caminhos, sendo 1. Caminho, 2. Estrutura com rochas, 3. Porteira, 4. Curral de altura. Fotos: Milena Acha (2013).

Os caminhos e os elementos que os marcam indicam por onde a pessoa deve seguir e como deve se comportar durante o trajeto. Assim, são comuns indicações orientando quanto se deve caminhar, para onde e onde estão os pontos de descanso e parada. Para tanto se dão indicações de caminhos, associados aos elementos, às direções e aos tempos. As indicações são dadas fazendo com que o caminhante visualize um elemento associado a uma ação e direção (por exemplo: visualizar uma casa à direita, ter à vista uma formação rochosa à frente, acompanhar o rio etc.) e assim seguir os trajetos indicados (acessar o caminho entre vales, seguir pelo caminho lindo etc.). Nesses trajetos cheios de instruções vários marcadores são claros, como degraus e construções, outros são mais sutis como a referência a histórias pessoais e referenciais simbólicos impressos na paisagem.

A partir desses referentes paisagísticos os pastores se localizam e indicam os trajetos que estão acostumados a fazer. Conhecer esses caminhos implica em conhecer a região, os lugares e as histórias utilizados como referência. Assim, o processo de mover-se pela paisagem implica diretamente na construção de identidade. No movimento, novos conhecimentos são inscritos e integrados aos velhos, por meio de símbolos e da história. Neste processo, retoma-se uma memória e se impõe um comportamento particular, os quais geram lugares específicos plausíveis de serem identificados pelo grupo (ACHA, 2018b).

#### 4. ANÁLISE DO CASO

Considerando que o processo de se mover é também o de habitar os lugares, vive-se entre os lugares, criando instrumentos de navegação e percepções espaciais específicas, os quais são marcos identitários dos grupos. Portanto, no processo de *dwelling*, o lugar e o ato de se movimentar fazem com que a paisagem seja apreendida através de marcos significativos (INGOLD, 2011).

Tomando esta perspectiva da paisagem como algo vivo e fluído, analisarei a seguir o caso de alguns caminhos e a visão de um dos pastores tradicionais do vale de Santa María como exemplo para compreender como funciona a apreensão da paisagem. Como foi colocado anteriormente, é possível perceber que é a partir do movimento pastoril que as paisagens são percebidas e narradas, principalmente no que concerne ao espaço das serras. A relação dos pastores com a serra do Cajón (esse conjunto de serras presente na Figura 5) é intrínseca, reconhecendo os espaços ao seu próprio modo dentro da amplitude dessa zona. A paisagem aqui é incorporada na vivência dos pastores, é marcada por situações retidas na memória que dão significado ao meio à volta.



Figura 5. Vista da serra do Cajón, com os altos picos cobertos de nuvens, desde o leito do rio Santa María. Foto: Milena Acha, 2015.

Portanto, é a partir da memória pessoal que cada uma destas pessoas constrói um mapa mental do espaço que as rodeia. Nesse mapa, estão contidos todos os caminhos e lugares que consideram importantes, os quais são acessados facilmente rememorando as situações, eventos, lugares e marcos que constituem as histórias de vida. A percepção das direções e dos trajetos também está pautada por essa memória, pontuando os elementos específicos que são os indicativos de tais caminhos.



Em uma das temporadas de campo em Santa María, uma das propostas era a de encontrar certos lugares para atestar importância arqueológica. As serras são um grande labirinto, sendo muito difícil o tráfego para aqueles que não conhecem os caminhos, diante disso, a equipe de pesquisadores buscou a ajuda de um pastor, com bastante conhecimento de toda a zona para tentar acessar aqueles lugares. A primeira tentativa de saber sobre aqueles lugares foi apresentando uma série de mapas e fotografias aéreas da serra do Cajón ao pastor. A partir dos mapas, ele não conseguiu dar as informações que os pesquisadores buscavam sobre os lugares, porque a representação bidimensional do espaço plano do papel não fez sentido na percepção da paisagem para aquele pastor, a paisagem para ele é reconhecida a partir de mais dimensões. Com a família do pastor reunida, duas mulheres mais jovens olharam os mapas e definiram os lugares associando os nomes dos lugares ao que eles conheciam, e com isso o pastor reconheceu para onde se esperava que fôssemos e indicou vários trajetos oralmente. Relembrar os caminhos e dar as indicações era feito com muita facilidade pelo pastor.

Em outro momento, foram apresentadas fotografias de lugares. Estas fotografias não eram precisas ou panorâmicas, eram antigas tomadas de locais (que muitas vezes pareciam indistintas para nós pesquisadores). Porém ao olhar para as fotografias, automaticamente o pastor retomou na memória informações sobre os lugares, sobre como chegar e onde se conectava, da mesma forma como o fez ao ouvir onde eram os locais do mapa. Estas situações mostram que a memória do pastor era “acionada” com os elementos que estavam presentes nas fotografias, tais como rochas, cercados ou porteiras, especificidades do terreno etc. e pelos lugares em si, com muito mais facilidade que ao olhar um mapa.

Quando se mostraram as fotografias, o que o pastor reconheceu foram os elementos presentes em primeiro e segundo plano, tais como rochas, tipo de vegetação, formações fisiográficas ao fundo, declínio do terreno etc. Apesar das fotografias serem representações bidimensionais dão indicativos dos volumes tridimensionais de onde foram tiradas, elas conseguem extrapolar outras dimensões como profundidade e as direções da luz, além de representarem o conjunto de corpos físicos que estão no local de onde foram tiradas. São essas informações que se fazem presentes e organizam a memória e os trajetos sobre lugares e caminhos. Lugares não são apenas locais estáticos em um plano bidimensional, mas um processo de movimento para alcançá-los com diversas dimensões associadas.

As informações de caminhos que o pastor indicou todas tinham como ponto de partida a casa da família. Os lugares (como destinos finais) eram locais de memórias relacionados a eventos da vida, por exemplo, um dos locais indicados era uma nascente de água que o pastor identificou de duas maneiras, era um lugar que ia com a família (principalmente levar as crianças), e pouco mais acima do lugar indicado era um local de parada de animais que além da água também tinha pastagens férteis nos meses mais secos. O local com a nascente de água era conhecido pelo pastor e pelas pessoas do lugar por ter uma formação rochosa na qual reconheciam a forma de um sapo, de início essa semelhança não parecia ser tão próxima para nós pesquisadores (alheios aos códigos paisagísticos dos pastores locais), porém uma vez indicados os pontos de semelhança foi possível reconhecer a analogia com o sapo.

Apesar de conhecer e reconhecer a maioria dos locais do mapa e das fotografias, as indicações do pastor não foram claras em um primeiro momento. As indicações de rotas eram dadas pela presença dos elementos como os elencados anteriormente, destacando currais, propriedades de vizinhos, determinada formação rochosa, a existência de diferentes tipos de caminho da serra, presença de degraus na descida etc. Em um primeiro momento essas definições não são inteligíveis, é preciso conhecer os códigos de definição da paisagem para conseguir guiar-se. Assim, a equipe não conseguiu acessar a maioria dos lugares, tendo que retomar antigas coordenadas georreferenciadas presentes em artigos e anotações, ainda assim o acesso a esses lugares parecia muito difícil. Anos depois, tendo os elementos da paisagem mais claros, foi possível reconhecer os mesmos lugares a partir das indicações, ao transitar pelos caminhos como indicado pelos pastores notei que os trajetos eram realmente muito mais fáceis.

Diante disto, é possível considerar a paisagem como essa integração fluida de caminhos como trajetos e lugares. É pautada pela própria vivência que condiciona os olhos a determinadas formas e elementos ali presentes. Assim, os caminhos mais percorridos e também os mais acessíveis fazem parte do cotidiano dos pastores e são reconhecidos e internalizados pelos seus elementos.



Figura 6. Fotografia indicando locais reconhecidos, os elementos importantes são as serras, o caminho, a distância do rio, as estruturas ancestrais e o tipo de vegetação. Milena Acha (2013).



No processo de reconhecer lugares no espaço, observou-se outra questão que permeia toda esta discussão: não importava quão distante – em tempo ou espaço – o pastor estivesse, ao falar de lugares e caminhos, o processo implicava automaticamente em uma paisagem conhecida e já integrada ao cotidiano. Isto permite inferir que o processo de reconhecimento dos lugares é feito seguindo uma lógica pessoal associada a uma regional (praticamente local) de definição e nomeação. Os lugares são conhecidos e reconhecidos pela persistência do pastoreio como locais ou caminhos a locais importantes dentro do sistema. Os trajetos conhecidos são tão corriqueiros que fazem com que o pastor relembre e consiga dar as indicações ainda quando está longe.

Para os pastores de Santa Maria as montanhas unem-se ao significado depositado nelas, formando um lugar pela relação que existe entre os elementos contidos ali (ver a Figura 6). Assim as montanhas e serras são repositórios paisagísticos e não simplesmente amontoados de terra e rochas. Os lugares são os repositórios desses diversos eventos e informações que ali aconteceram e que continuam acontecendo. Assim, como evento, o lugar é algo único – não é universal nem fixo – pois os lugares acontecem e são caracterizados e construídos pelas pessoas (ACHA, 2018b).

Para estes pastores o habitar integra os vários lugares, habitam na área residencial fixa, próxima à cidade de Santa María, ao mesmo tempo em que habitam nos caminhos e nos lugares (como os caminhos, as pastagens dos animais e o lugar de passeio com a formação de sapo). Assim, vivem o processo de movimento pelo interior da serra do Cajón, atravessando os diversos lugares que fazem parte do seu cotidiano.

## **5. REFLEXÕES FINAIS**

Diante do relatado, é possível conceber que a paisagem não é um elemento estático e muito menos definida por pontos – ou sítios – fixos, a paisagem é apreendida a partir do próprio processo de vivência, integrando a partir dos movimentos cotidianos lugares a histórias e demais sentidos e significados. Por sua vez, é possível conceber a partir dos relatos do pastor que a paisagem para eles é internalizada e transformada em algo conhecido, a partir das próprias aproximações que cada grupo tem em relação ao meio.

Isto porque, os sensores do corpo de direção não são limitados à presença dos próprios corpos, constituem-se como experiências locais para estabelecer pontos e lugares de contato entre o físico e o arcabouço de percepções. A experiência vivida gera constantemente interações sensoriais e correspondência que fazem com que as pessoas internalizem a paisagem à volta e se adaptem (FELD, 1996; WHITRIDGE, 2004; ZEDEÑO et al., 2009).

Por sua vez, também destacamos que a noção de paisagem pautada pela fluidez e pelo movimento permite acessar mais informações nestes casos. Portanto, é necessário se desprender da convenção cartográfica, à qual nós ocidentais estamos acostumados, que define uma perspectiva pela qual se concebe a superfície da terra dividida em mosaicos de propriedades privadas, ocupadas e nomeadas por nações de diversos grupos étnicos.

Para determinados grupos a ocupação do território existe na superfície total, definindo

lugares que nem sempre estão conectados, construindo um “mapa” que é criado considerando onde se movem e através dos caminhos que ligam lugar a lugar. Esta noção implica em um entrelaçado de trilhas nas quais as pessoas vivem, os lugares apresentam uma configuração particular, que reflete a relação desses lugares com a paisagem. Assim, enquanto a noção ocidental presa por uma lógica de lugares determinados, outros grupos habitam em todo lugar, e não em lugares específicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHA, M. Os processos da paisagem pastoril. Caracterizando lugar e movimento. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum.*, v. 13, n. 1, 2018a.
- ACHA, M. The pucará past and present in the landscape. *J His Arch & Anthropol Sci.* v. 3, n. 5, 673-677, 2018b.
- BASSO, K.H. Wisdom sites in places: Notes of a Western Apache Landscape. In: S. Feld e K.H. Basso (eds), *Sense of place*. School of American Research Press, New Mexico, 1996.
- BOTIN, L. Landscape and Dwelling. In: BOTIN, L. CARTER, A. e TYRELL R. (eds), *Dwelling, Landscape, Place and Making*. Aalborg Universitetsforlag, 2013.
- CASEY, E.S. How to get from space to place in a fairly short stretch of time: phenomenological prolegomena. In: S. Feld e K.H. Basso (eds), *Sense of place*. School of American Research Press, New Mexico, 1996.
- CORRÊA, R. e ROSENDAHL, Z. A geografia cultural no Brasil. *Revista da ANPEGE*, v. 8, 2008.
- DAVID, B. e THOMAS, J. *Handbook of Landscape Archaeology*, Left Coast Press, Walnut Creek, 2008.
- ERICKSON, C.L. e WALKER, J.H. Precolumbian causeways and canals as Landesque capital. In: SNEAD, J.E., ERICKSON, C.L., DARLING, J.A. (eds), *Landscapes of movement: Trails, paths and roads in anthropological perspective*. University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, Philadelphia, 2009.
- FELD, S. Waterfalls of Songs. An acoustemology of place resounding in Bosavi, Papua New Guinea. In: FELD, S. e BASSO, K.H. (eds), *Sense of place*. School of American Research Press, New Mexico, 1996.
- FELD, S. e BASSO, K.H. Introduction. In: FELD, S. e BASSO, K.H. (eds), *Sense of place*. School of American Research Press, New Mexico, 1996.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. La experiencia del otro. Una introducción a la etnoarqueología. Akal. Madrid, 2003.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. e AYÁN VILA, X. *Arqueología: Una introducción al estudio de la materialidad del pasado*. Alianza, Madrid, 2018.
- GOW, P. Land, people and paper in Western Amazonia. In: HIRSCH, E. e O'HANLON, M. (eds), *The Anthropology of Landscape: perspectives on place and space*. Oxford University Press, 1995.
- GUBER, R. La etnografía. Método, campo y flexibilidad. Norma, Bogotá, 2001.
- HAESBAERT, R. *Territórios Alternativos*. Ed. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.
- HEIDEGGER, M. Building Dwelling Thinking. In: Poetry, Language, Thought. Harper Colophon Books, Nova York, 1971.
- HIRSCH, E. 1995. Landscape: between place and space. In: HIRSCH, E. e O'HANLON, M. (eds), *The Anthropology of Landscape: perspectives on place and space*. Oxford University Press, 1995.
- INGOLD, T. The Temporality of the Landscape. *World Archaeology*, v. 25, n. 2, 1993.

- INGOLD, T. *Being Alive*. Routledge, Nova York, 2011.
- INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida. Emaranhados criativos em um mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, v. 18, n. 37, 2012.
- QUESADA-EMIBID, M.C. *Dwelling, Walking, Serving: Organic preservation along the Camino de Santiago de Pilgrimage landscape*. Ph.D. dissertation, Antioch University New England, 2008.
- POLITIS, G. Reflections on contemporary ethnoarchaeology. *Pyrenae*, vol. 1, n. 46, 2015.
- SILVA, F. A. Mito e Arqueologia: A interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no parque indígena Kuatinemu-Pará. *Horizontes Antropológicos*. Ano 8, n. 18, p.175-87, 2002.
- SILVA, F. A. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. *Métis: História & Cultura*. v. 8, n.16, p. 121-139, 2009.
- SNEAD, J.E. ERICKSON, C.L. e DARLING, J.A. *Landscapes of movement: Trails, paths and roads in anthropological perspective*. University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, Philadelphia, 2009.
- WHITRIDGE, P. Landscapes, houses, bodies, things: "Place" and the archaeology of Inuit imaginaries. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 11, 2004.
- ZEDEÑO, M.N. HOLLENBACK, K. e GRINNEL, C. From path to myth: journeys and the naturalization of territorial identity along the Missouri river. In: SNEAD, J.E., ERICKSON, C.L., DARLING, J.A. (eds), *Landscapes of movement: Trails, paths and roads in anthropological perspective*. University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, Philadelphia, 2009.